

# CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 2 de de Setembro 1889

ANNO III

Publicação semanal

Assig. por mez... 500 réls.

Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira; Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Gondel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brigido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Canarim Junior Wenceslau Bueno, Francisco Dutra.

NUMERO 35

Escriptorio d rua de João  
Pinto n. 40

## CREPUSCULO

### Principios litterarios

III

2 de Setembro de 1889.

Escuzo é dizer-se que a litteratura moral tem por objecto enobrecer a sociedade: de facto; porque sem ella proveria um mal geral—a corrupção dos povos.

Entretanto, mesmo assim, a sociedade não está totalmente, puramente civilisada, não está ainda como deveria estar—conhecedora de uma utilidade sincera e nobre; falta-lhe conhecer essa utilidade e propagal-a como se propaga o ar, falta-lhe abraçar a litteratura, e então, ambas caminharem a passos gigantescos e largos pela estrada benefica e recta—da Luz!

A Luz neste caso não é para todos, essa Luz não é a mesma que recebe o bruto social—o ignorante; é Luz pura e sagrada que só lh'a tem o luctador pelo sublime e pelo bello, o luctador que não conhece nobreza, nem vaidade e vai satisfeito, como quem re...  
...dão, chicoteando a treva, espan...  
...massacrando a vaidade...  
... todos os viventes;  
... clara e divina  
... ar e maior

escriptor evitando d'est'arte uma interpretação exotica, sem nexo, ruim e até irrisorio.

Os romances e os poemas, os jornaes e boletins, tudo que é produzido da heroica invenção do Guttemberg, cuja perda sempre lamentaremos,—a imprensa—pertence ao povo, mas este povo precisa, necessita comprehender, ler com calma de ideia, figurar que pensa, na occasião, o que o escriptor pensará, afim de não injuriar-lhe com palavras más, com criticas feias e alejadas, nascidas da treva e mortas no abysmo l...

O seculo é de luz, por isso que a mulher hoje aspira galgar a epopeia da gloria litteraria, como fizeram a universal Georg Sand e a laureada Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Não ha de ser breve e facilmente que ha de apparecer escriptoras; porque ainda o sexo feminino não tem em sua totalidade energia propria para apresentar-se na arena da Luz, especializando algumas notaveis brazileiras que são o verdadeiro espelho.

Imitem-nas; sem o que sereis sempre o que tendes sido, nunca alcançareis os lauros vesdojantes e frescos dos vastos conhecimentos modernos, nunca occupareis sincera posição perante o caminho da intellectualidade.

Todas vós preciseis ler, ler muito, comprehender bastante, estudar sempre; por que assim, então a sociedade em homenagem as vossas idealisações esplendidas, lucidas e apaixonadas, erguerá a vossa magestosa apothese.

A ideia não teme; o viajante desempenha a sua missão e se o acaso fal-o encontrar um animal, elle procura destruil-o—assim pro...  
...reis tambem destruir a ignorancia l...

vendo com pesar succederem-se os dias com uma lentidão esmagadora?...

Nascido e educado ahí, nesta poetica Desterro, que se ergue graciosamente, qual scisne, no seio das ondas, aspirando desde o berço as emanações salinas da brisa do mar, e mais tarde expatriado pela sorte para a roça... a principio não lastimei muito essa como que nova existencia em que entrava; sempre era uma variante...

Gostava sim de assistir ao nascer e ao pôr do sol; de uma e ninencia onde o raio visual abrangesse todo o horisonte; destumbravame o esplendor insolito de um dia de verão, entristecia vendo o nevoeiro impallidecer o azul remoto do céu na quadra invernosá. Experimentava uma commoção singular, um como prazer amargo, em contemplar os destroços de uma borrasca, ruinas como que ainda palpitantes, que os raios duvidosos de um sol poente avermelhavam, em quanto as correntes atmosphericas, ainda revoltos, arrastavam com incrível tenacidade alguns farrapos de nuvens, que se estorciam dolorosamente, pelas cumiadas ponteagudas dos alcantis.

Escutava com interesses os gritos lastimosos dessas aves maritimas, de azas rijas e côres tristes, que estacionam na foz dos rios melancolicamente pousadas sobre as raizes dos troncos de arvores soterradas na lama negra e insalubre.

Mas o tempo, grande refractario ás leis da poesia, velho sceptico, positivista consumado, em cuja alma fria, insensivel, quasi morta, não se aninham illusões, revestindo a paisagem com a cor uniforme do que já não é novo, destruiu todas as cambiantes que ornamentavam o panorama; e é tão grande, tão profunda, tão oppressora a melancolia que delle ressombra, que enlucta a alma, sepultando a nos plainos gelados da...  
...sibilidade moral...

MUTILADO

víncia do Rio de Janeiro, muito conhecidas n'esta cidade onde residiram até ha alguns meses passados.

Não tenho o prazer honroso de conhecê-las pessoalmente, o que pretendo conseguir por occasião da minha proxima visita ás provincias de S. Paulo e Minas, mas, entendo-as perfeitamente pelos seus aureolados artigos publicados na *Palavra*, na *Palyanthea* e no *Crepusculo*, desta cidade, no *Garimpeiro*, muito bem dirigido semanario que vê a luz em Bagagem, onde habitam actualmentemente, e na *Revista Popular*, periodico consagrado ao util e ao bello que publiquei em Pelotas durante o anno de 1888.

Na *Revista*, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira, publicaram poesias bem medidas, cheias de doçura; versos em que a forma não é sacrificada ao pensamento nem o pensamento sacrificado pela forma; rimas faceis e doces, suaves e deliciosas, que correm, que se succedem com infinito prazer para quem as lê, sem sentir os ouvidos castigados. Muitas prosas lindissimas, artigos inspirados e plenos de vida, correctos mas, de uma correcção alem do desejo o mais exigente em materia litteraria, cuja leitura não enfastia, pelo contrario, incita a repeti-la duas, tres, quatro e mais vezes, sem respeitar até a pontuação!

Prosas em que a gente, quando as lê, parece sentir-se elevado á uma altura phantastica, acima do nosso paraiso terreal, onde tudo é mais bello, mais brilhante, mais arrebatador! á uma região onde respira-se trescalando a perfumes ignorados que embriagam, que entontecem de praser!

Notam-se termos tão cabiveis, tão bem escolhidos, que o apreciador quer duvidar de que uma cousa assim tão bem feita, tão linda, seja preparada por pessoa que principia a escrever, que não tem longos annos de pratica, que não está acostumada ás lides beneficis e grandiosissimas da litteratura!

Sente-se como que a satisfação rolando por espiral toda de veludo, toda doce, toda suavidade, e lá em baixo ser tomada por ambiente impregnado de aromas expargidos de nectar, todo phantasia, todo sonho, todo illusão!

E que o talento que presidiu á confecção de tão lindos pensamentos é desses raros, que surgem de espiritos sadios, de naturezas radiosas, de creações quasi especiaes; é desses que rebrilham magestosamente no espaço das letras, de tempos, a tempos impulsiona dos por uma acção sublime, divina, para illuminar a humanidade em suas multiplas tentativas ao completo do saber.

Ibrantina e Ubaldina de Oliveira que, cheias de entusiasmo e dedicação ao estudo, guiadas pelo seu comprovado talento, encetaram a viagem das letras, hão de trilhar sempre sobre flores, por entre ovações sinceras, nascidas do coração de todos os nossos patricios, admiradores dos rasgos de intelligencia; hão de galgar com o nobre e a vasta esculptura

Diversos jornaes do Sul transcreveram da *Revista* algumas das produções que publicaram as gentis escriptoras. A *Grinalda* muitas vezes doirou suas paginas com as fulgentes poesias de Ibrantina.

Não ha quasi que escolher entre as numerosas produções da sua fulgurante penna, mas, como ha variedade de gostos, atrevo-me a especialisar algumas que me impressionaram mais vivamente, e são:—(poesias)!!! offerecida ao consumado poeta Horacio Nunes—*Presentimentos*—*Inter dolores*—*Desanimo*—*Esquecer-te?*—*Reverberos*—*Longe de ti*—*Na solidão*—*Amor-amore* | (prosa) *Assassino* e *Contos originaes*.

FRANCISCO CARDONA.

Desterro—30—7—89

## BALLADA

NARRATIVA DE UM COVEIRO

(Charles Rouget)

Ninon morreu! disse o velhinho tamborileiro.

Quem matou-a? perguntou Gilberto sobresaltado.

Então eu é que sei eu? A doença ou antes Deus... como quizer... não é possível! Ninon não conhecia outro Deus senão eu... e tu sabes pygmeu... eu dei-lhe o meu coração... morreu elle por acaso, meu coração?

Mas onde está ella neste momento?

Sob os cyprestes do cemiterio.

Pois bem... vou vel-a... vou vel-a... pobre Ninon!

A neve cahê em grossos floccos, cobrindo os caminhos! disse o velhinho tamborileiro.

A neve! Poder-se-á temer a neve de uma noite quando tem-se no coração o inverno perpétuo de um doloroso pezar?

Dize-me, ó pigmeu... qual é o numero de seu tumulto?

Ainda não está numerado...

Duas pombas brancas sob chorões... eis o tumulto de Ninon.

Duas pombas de gesso?

Não. O caçador ruiço collocou sob a pedra sepulchral, em falta de violetas, duas pombas brancas, presas em um fiozinho de seda...

Duas pombas brancas... obrigado. pigmeu.

A neve cahê em grossos floccos, cobrindo todos os caminhos, continuou o velhinho tamborileiro, afastando-se da choupana.

Quando elle chegou ao cemiterio, as pombas agonisavam. Pobres floresinhaes!

Como Ninon deve sentir!

E o velhinho tamborileiro...

Ninon! exclamou a resuscitada.

Vamos, disse Gilberto. Esperam-nos fóra o amor, o azul do céu e as canções dos ninhos na folhagem das cerejeiras, onde conversámos tantas vezes. Eu vim expressamente dar-te a vida, amor.

Esperam-nos, Ninon... Saíamos d'aqui—disse Ninon-comsigo mesmo.

Mas... fez o namorado admirado... Eu sou Gilberto teu noivo... Gilberto—o moreno...

Gilberto! Gilberto sou eu... disse a moça.

Quem? tu estás louca, pequena... Sou eu quem é Gilberto.

Ah! Ah! mas não importa... saíamos d'aqui, esperam-nos, Ninon!

E os dois, de braços entrelaçados sahiram do cemiterio.

Minha querida Ninon!—disse Gilberto.

Ninon, minha amiga! disse sua companheira.

Ah! replicou Gilberto... Tens razão, meu coração... tens razão! Ella julga-se eu, porque dei-lhe o espirito... O tumulto roubou-lhe a alma... a alma... E' a minha que ella tem em seu corpo. Sou eu quem falla por sua bocca...

Meu amor! Meu amor! E o desgraçado deitou a correr, gritando, pelo verde bello dos campos, sob a neve branca que cahia dos céus.

Não se sabe mais onde estão os pobres. Vivem nos caramanchões onde vegetam rosas. Gritam dia e noite:—Ninon!

E' como um canto de passaro funebre.

Quando encontram-se por acaso na estrada, param, contemplam-se por algum tempo, e depois murmuram (como cantava o pigmeu tamborileiro):

Ninon! Ninon! Meu amor!

Elles têm o coração e a alma gelados, por causa da noite do cemiterio.

Elle está louco... ella tambem...

Eis o resultado do amor.

Até outra vista!

Até outra vista! Attenção.

A neve cahê em grossos floccos, cobrindo todo os caminhos.

Foi em uma noite igual que Gilberto o louco, desinterrou Ninon...

Fecha a tua porta... a neve cahê.

Boa viagem, senhor.

Obrigado, meu velho.

MUTILADO

Vamos ao bosque ao vasto templo das flores, aonde habita a virgindade, e canta a innocencia, vamos ao bosque admirar aquelle conjuncto de bellezas naturaes, desde o vasto azul profundo do firmamento, no qual nem uma nuvem se quer perturba aquella serenidade, e limpidez divina, até o verde-escuro mar, no qual nem estoura uma vaga, nem se avoluma uma onda!

Vês?! Oh! quantos poemas brilhantes, quantos quadros magestosos! Tudo o pintor, o mais habil poderá pintar, tudo o poeta o mais inspirado, poderá cantar, menos a natureza de uma d'estas formosas manhãs de Abril!

Lá das bandas do Oriente, o sol que vem lentamente surgindo, e parece que das verde-escuras aguas do mar, e aqui, o mavioso concerto da festiva passarada, que echôa pela floresta afôra, como affectuosas, e vibrantes notas de aço, n'um templo de chrystal.

E tu Isaura, que és formosa como tuas irmãs, as flores, tens neste momento a alma rindo e cantando na quadra branca da infancia.

Ah! Sim tu nasceste tambem n'esta hora em que as mimosas avesinhas saltitando nas finas hastes das delicadas flores, saúdam com mimosos canticos, n'uma alegria incomparavel o magestoso astro-rei que purpureando as bandas do Oriente transpõe grave, e serenamente as largas portas do dia! Foi nesta hora Isaura, que na cerrada e escura floresta do mundo desabrochou a fina e delicada flor de tua preciosa existencia.

E tu oh! sempre casta, alegre e risonha na harmoniosa manhã da infancia, contempas o despontar do sol das illusões doiradas!

Pois enquanto, tu, tendo a alma immersa n'este immenso oceano de alegria, e esperanças contempas na manhã da existencia o despontar do sol das illusões doiradas, eu na sombria tarde da vida contemplo no horizonte do mundo em ultimos lampejos o luminoso astro de meus dias!

Portanto sonha gentil creança, sonha, porque quando, como eu, despertares deste sonho luminoso, verás a mimosa flor de tuas esperanças sem o fresco orvalho das manhãs das alegrias, sem o calor vivificante do sol das illusões, morta e desfolhada pelo vento do infortunio rolar no negro chão da descrença!

Ondina, 89.

BRIGIDO PEIXOTO.

## PALLIDA E FRIA

A' minha irmã

I

Um dia, ó se me recordo... eu vi, de tarde, uma creança loira, de cabellos soltos e risonha, debruço na janella de uma casa caiada de azul.

Era uma creança gentil, tinha a feição moça e delicada, guardava apóz sanguineos

labios, com alvura de perolas viscosas, uns dentinhos lindos, bem torneados, bem acabados.

Era a hora do crepusculo: pelos campos, o sol doirado, inclinava a luz dos raios quentes.

Os laranjaes tinham flores e o perfume das flores do noivado, delicioso e agradável, incençava o pitoresco ambiente!

O colibri pousava em cada flor e o gaturamo em cada flor trinava uns trinados de risos e dulçôres!...

Não havia aragem, nem ondeiava o mar, nem se moviam as folhas dos cyprestes.

O sol ia fugir, enquanto a lua, alvissima e serena, vinha aos poucos transpondo as colinas de leste.

Era a tardinha e Julieta estava na janella envolta n'um chales de lã: parecia sentir tanto frio...

II

Pobre Julieta no outro dia o medico tornava-lhe o pulso e dizia ser-lhe grave a doença...

Disseram-me que Julieta morria. Fiquei dolorido em prantos.

Julieta era uma creança de oito annos, mas linda e alegre, e vendo-lhe a lindeza e a alegria ficava tão extasiado!...

Fallava-lhe quando encontrava-a na humida praia que fica ao fundo da sua casa e da minha.

Eu gostava muito da Julieta, gostava muito della.

Disseram-me que ella não escapava...

Senti na erma alma uns soluços da magoa...

Fui vel-a. Entrei na alcova, lacrimoso e sombrio, tendo rasos de agua os bagos olhos.

Entreí na alcova toda illuminada e no leito, suspenso ao qual estava um cortinado de rendas brancas, vi n'um desfallecimento profundo, a gentil Julieta.

Tive pena, chorei e vi unicamente uma lagrima vir-me rolando, rolando e desmanchar-se no assoalho...

Julieta era agonisante e gemia muito...

O gemido consternava, e magoava a palidez d'aquelle felino rosto...

III

Sahi. No outro dia, a noite, tive um sonho, um sonho bem triste!...

Vi morrer Julieta. Duas mulheres humedecendo lenços com lagrimas vestiram-na de branca, fizeram-na tão formosa como uma noiva.

Vi morrer Julieta. Duas mulheres, soluçando em lagrimas, collocaram n'a n'um caixãozinho leve. Era azul-claro e o galão de ouro era largo.

Puzeram-na no caixãozinho, depois em torno o vestido de setim cor de leite, foram pregando, a alfinetes, umas flores bonitas e bem feitas, e finalmente, na frente de Julieta pregaram uma grinalda de flores de laranja.

A palpebra do anjo, muda e morta como o céu em noite procellosa, e frias como neve; davam tanto pranto davam!...

No outro dia Julieta estava morta.

Chorei. Fui ao cemiterio, ver-lhe o humido jazigo.

Pelo caminho taciturno, sem turturinos de rôlas, nem trinados de gaturamos, sentia-se o odôr mystico e fino das flores da grinalda.

Fui ao cemiterio e lá enterrei meus prantos quando puzeram n'a na cova e quando puz-lhe ao caixão a fria terra.

Julieta morreu, e sobre o seu jazigo dei-xei algumas lagrimas dispersas.

— Ah! o meu sonho fóra verdadeiro...

SABEAS COSTA.

Desterro — Agosto — 89.

## PEROLAS DE OPHIR

# SOLIDÃO

Nas ermas horas da tristonha noute, quando o silencio nas solidões impera, e a lua triste, solitaria, argentea, vagueia teve na sombria esphera, bem longe, assós, eu taciturna e muda, meditando na sorte fria, austera, choro e soluço em perenal martyrio, carpindo a dor que o peito meu lacera.

E então minha alma merencoria e afflicta, ao murmurar da brisa entre o arvoredos, exausta em prantos, de tormentos cheia, sonhando ouvir-te, suspirando a medo, mais arqujante, tremula e saudosa, a tua doce image'entre segredo rever parece; e ao fugir da esperança, mais se desola n'um delirio tredo...

E após as horas de luctar continuo, amargurada, triste, esfebreçada, sem ter conforto n'esta ausencia infinda, que me alente na dor fria, sentida, aqui chorando, solitaria, exanime, curvando a fronte pallida, abatida, percebo os dias meus fugindo aos poucos, mirrar as creanças — da inditosa vida.

Bagagem, 1889. Ibrantina d'Oliviera.

## IMPOSSIVEL

Não pôde haver quem dous amantes visse Que se quizessem como nos queremos; Mas hoje uma questiuncula tivemos Por um capricho... por uma tolice...

— Acabemos com isso!  
E eu respondo...

MUTILADO

# AUZENCIA

A F.....

Ja lá se vão tres dias nas azas do passado  
que choro a tua auzencia,  
Ai! tres amargos dias sem ver-te, anjo adorado:  
é triste essa sentença.

Seis ver o teu olhar de amor puro e constante  
aonde a calma eu vi,  
Eo que não podia, anjo, um só instante  
viver longe de ti.

Passar tres negros dias—isto é impossivel.  
não posso resistir  
á tanto soffrimento a tanto—isso é incrível  
—mil vezes succumbir!...

TIMOTHEO MAIA.

(Das *Garças*.)

Deserto, —89.



## VISITA AOS TUMULOS

Ah! se soubesses o que sinto, quando  
Atravessas num vôo estes espaços,  
Para outras praias humidas levando,  
O calor do teu seio e dos teus braços;

Se tu soubesses, lacrimoso lyrio,  
Quanto me punge esta paixão maldicta,  
—Sombria estrada aberta ao meu martyrio,  
E aos soluços dest'alma erma e proscripta;—

Se tu soubesses, passaro erradio,  
Como gorgeia a dôr na escuridade  
Desse arvoredado e desse grande rio,  
Que uns chamam solidão e outros—saude;

Se tu soubesses que no velho muro  
Do meu peito escrevi teu casto nome;  
Que o sol do meu amor é um sol escuro,  
Que me vai consumindo e se consome;

Se tu soubesses—lagrima suspensa  
Da palpebra de um céu, mudo e deserto,  
O que é um seio que não tem mais crença  
E um coração de lapides coberto;

Se tu soubesses, certo, abrandarias  
A desventura que em meus olhos mora.  
Como atraz dos meus sonhos correrias,  
Para m'os restituir, mortos embora!

Elpha, em minh'alma como n'um jazigo,  
Enterrei esses sonhos doloridos.  
Se te apraz, meu amor, entra commigo  
Por essa longa selva de gemidos.

querida,

# LIVRO DE NOTAS

## Ajardinamento

Sobre o ajardinamento da praça Barão da Laguna, inaugurado ha dias, graça aos esforços da criteriosa commissão que se acha a testa de tão util iniciativa, nada ainda dissemos.

Mesmo nada poderemos agora dizer, visto os nosso collegas, melhor do que nós, terem já fallado a tal respeito.

Apenas declaramos que nos rejubilamos com esta util idéa, que trará, sem duvida, á nossa boa cidade, um aspecto mais encantador.

Nada, para embellezar um largo qualquer, melhor que um jardim, onde a tarde a gente, depois de jantar e saborear uns góles de café, vai contemplar a natureza no desabrochamento das flores, no amadurecer dos fructos, enfim nos trinados dos passaros que maravilham os bosques.

Vai ser bom um jardim na terra para divertir a população que lamenta a falta de diversões agradaveis.

Oxalá vejamos já as nossas ideas realisadas, oxalá chegue o tempo em que todos nós possamos contemplar a natureza no desabrochamento das flores, no amadurecer dos fructos e nos trinados dos passaros.

## Beneficio

Consta-nos que os *Filhos de Thalma* realisarão a 7 do corrente um espectáculo em gala, cujo producto será applicado ás obras do ajardinamento da praça Barão da Laguna.

Para esse fim, a commissão encarregada dos bilhetes, composta dos nossos criteriosos e queridissimos assignantes Srs. Dr. Pedro dos Reys Gordilho, Germano Wendhausen e Raulino Hora vai enviar ao povo as respectivas circulares.

Ninguem por certo, deverá recusar o convite, pois o seu fim é angariar qualquer quantia para a idéa do ajardinamento ser realisada com a maior brevidade possivel.

## Ballada

E' este o titulo de um esplendido artigo que hoje publicamos, tirado da primeira pagina da importante *Gazeta de Campinas*.

## Carlos Gomes

Já escutámos um ensaio d'esta briosa sociedade musical, composta de moços de nobres predicados.

Desejamos a nova sociedade feliz dura-

## de Parabens

nas 25 primave-  
e honrado assi-  
Dutra.

sto sculo saudando-o  
resada e Exma.  
primentos.

## Merito

S. Ex. o Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello illustrado tribuno e dignissimo presidente da provincia, tem recebido o *Crepusculo* com muito agrado.

Por occasião de offerecermos-lhe tão inválida gazeta, S. Ex. honrou-nos com algumas palavras de merito e importancia, pelas quaes, nos, respeitosa e cordealmente, o saudando, enviamos nossa modesta gratidão.

## Parabens

O nosso distincto amigo João Barbosa já está restabelecido de sua grave enfermidade. Parabens.

## Regresso

Regressou ha dias de Tijucas o nosso particular e digno amigo Constancio Alves. Cumprimentos.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

O *Correio Bragantino* de Bragança (S. Paulo) folha bem escripta e conceituada.

O *Itajubá* da cidade que lhe dá o nome (Minas Geraes) que como sempre vem repleto de bons artigos.

A *Republica* de Corytiba sempre firme em defesa da propaganda democratica.

A *Vida* de S. José dos Campos, (S. Paulo.) semanario bem collaborado.

A *Rizão*, de S. Jeronymo (Rio Grande do Sul) semanario que traz sempre bellos versos e sublimes escriptos em prosa.

O *Athleta*, de Porto Alegre, orgam do Club Caixeiral, impresso em bom papel e bem redigido.

E' semanario, mas traz sempre uma leitura soberbissima e amena digna dos admiradores das letras.

O *Athleta* está no 8º anno de publicação, mantendo se sempre com criterio em defeza da briosa classe de que é orgam.

O *Rezendense*, de Rezende, (Rio de Janeiro) anno 13º, orgam dos interesses geraes o escripto com saber.

E' publicação hebdomadaria.

A *Locomotiva* (ns. 20 e 21 anno I) que se publica na Bahia, sob a empreza do distincto brasileiro Candido Ferraz.

O n. 20, traz na sua 1ª pagina o retrato do desembargador Antonio Luiz Affonso de Carvalho, cuja biographia descreve o apreciado collega, e o n. 21, na mesma pagina o specimen da Grande Fundição á Vapor da Jaquetaia, de Cox Irmãos & C. e outras gravuras interessantes e bem trabalhadas.

A *Locomotiva* é uma folha illustrada, dedicada ás Artes, Commercio, Industria, Lavoura, Sciencias, Litteratura, e redigida por diversos escriptores do local.

Agradecendo tão util permuta, que não obstante nos distinguir, nos anima a proseguir, fazemos votos pela longa duração da importante publicação bahiana.

Impresso na typ. da *Tribuna Popular*.